

## TRANSFORMANDO O LUTO EM LUTA: O MOVIMENTO FEMINISTA COMO PEDIDO DE JUSTIÇA EM QUEIMADAS (PB)

Valdenia Valentim Santos  
Graduanda em Licenciatura em Sociologia pela Universidade Estadual da Paraíba  
[Valdenia.santos@aluno.uepb.edu.br](mailto:Valdenia.santos@aluno.uepb.edu.br)

*Simpósio Temático nº 08 – Combinaram nos matar, mas nós combinamos não morrer:  
Trocas de saberes resistentes.*

### RESUMO

Este artigo pretende analisar no Movimento Feminista a sua eficácia em combater a violência(s) contra a(s) mulheres, recuperando a história de vida de Isânia Monteiro, onde ela reivindica através de sua experiência de vida a mudança / melhoria de várias mulheres no Município da cidade de Queimadas-PB e no Estado da Paraíba. Utilizamos como metodologia a pesquisa documental, onde pretendemos analisar entrevistas, reportagens, foram concedidas pela Isânia Monteiro sobre o caso. Como instrumento de pesquisa utilizamos a entrevista com perguntas semi-abertas, onde recuperamos a história de vida da mesma. Sendo assim, afinal o pedido das mulheres é constantemente um pedido de segurança/reivindicação dos espaços públicos do direito do ir e vir? Pela busca de segurança nos espaços? Ou por uma cultura anti-estupro? É, cada vez mais debatido pelo Movimento Feminista, com justa posição os milhares de estupros, violência(s) que as mulheres estão enfrentando no cotidiano não só apenas nas relações de afetivas, mas também nas profissionais. Logo, Isânia Monteiro (entrevistada) transformou o luto em luta, usando toda a experiência da busca por justiça para ajudar a evitar que outras mulheres sofram violência e para auxiliar aquelas que já foram agredidas de alguma forma. Como arcabouço teórico iremos trabalhar com Guacira Louro, Michel Foucault, Simone Beauvoir e Alain Touraine. Portanto, este trabalho tem por finalidade suscitar reverberações acerca do movimento feminista no Brasil, intercalando o protagonismo deste movimento social para os questionamentos da lógica cercadora dos direitos das mulheres.

**Palavras-chave:** Feminismo, Luta, Reivindicação.

### ABSTRAT

This work aims to analyze in the Feminist Movement its effectiveness in combating violence(s) against women, recovering the life story of Isânia Monteiro, where she claims through her life experience the change/improvement of several women in the city

of Queimadas-PB and in the State of Paraíba. We use documentary research as a methodology, where we intend to analyze interviews, reports, which were granted by Isânia Monteiro about the case. As a research instrument, we used the interview with semi-open questions, where we retrieved the life story of the interview. So, after all, is women's request constantly a request for security/claim from public spaces for the right to come and go? By the search for safety in spaces? Or an anti-rape culture? The thousands of rapes, violence(s) that women are facing in their daily lives, not only in emotional relationships, but also in professional relationships, are increasingly debated by the Feminist Movement. Logo, Insânia Monteiro (interviewee) has transformed mourning into struggle, using all the experience of the search for justice to help prevent other women from suffering violence and to help those who have already been attacked in some way. As theoretical framework we will work Guacira Louro, Michel Foucault, Simone Beauvoir and Alain Touraine. Therefore, this work aims to arouse reverberations about the feminist movement in Brazil, interspersing the role of this social movement for the questioning of the logic surrounding women's rights.

**Keywords:**Feminism, Struggle, Claim.

## INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo identificar no Movimento Feminista a sua eficácia em combate a violência(s) contra a(s) mulheres, recuperando a história de vida de Isânia Monteiro que é Coordenadora do Centro de Referência da Mulher Fátima Lopes, localizado na cidade de Campina Grande, onde ela reivindica através de sua experiência de vida a mudança / melhoria de várias mulheres no Município da cidade de Queimadas-PB e no Estado da Paraíba. Sobretudo, analisar um crime brutal em que resultou em cinco mulheres vítimas de um estupro coletivo e duas vítimas mortas. E, como a Isânia Monteiro irmã de uma das vítimas por homicídio transformou seu luto em luta como forma de lutar /buscar/ militar pelo(s) direito(s) da(s) mulher(es). E, ainda, discutir como as políticas públicas podem ser uma forma de reivindicação dos espaços das mulheres em combate a violência(s).

Utilizamos como metodologia a pesquisa documental, onde pretendemos analisar entrevistas, reportagens, notas em sites, falas que foram concedidas pela Isânia Monteiro sobre o caso, aos canais de TV, entre outros. Como instrumento de pesquisa

utilizamos a entrevista com perguntas semi-abertas, onde recuperamos a história de vida da mesma. Sendo assim, afinal o pedido das mulheres é constantemente um pedido de segurança/reivindicação dos espaços públicos do direito do ir e vir? É, cada vez mais debatido pelo Movimento Feminista, com justa posição os milhares de feminicídios, violência(s) que as mulheres estão enfrentando no cotidiano não só apenas nas relações de afetivas, mas também nas profissionais.

Como recorte Transformando o luto em luta: o movimento feminista como pedido de justiça, trata-se de um feminicídio que ocorreu no ano de 2012, na cidade de Queimadas-PB, mais conhecido como “**A barbárie de Queimadas**”, sendo cinco mulheres vítimas de um estupro coletivo que resultou na morte de duas, uma das vítimas Isabella Pajuçara, irmã da entrevistada. Isânia Monteiro, mulher, feminista, tem 39 anos. Ela é graduada em Pedagogia e pós graduada em políticas públicas de gênero e raça e psicopedagogia, atualmente trabalha no CRAS e CREAS do município da cidade de Queimadas- PB. Por meio do Movimento Feminista a Isânia Monteiro transformou o luto em luta, usando toda a experiência da busca por justiça para ajudar a evitar que outras mulheres sofram violência e para auxiliar aquelas que já foram agredidas de alguma forma. Portanto, após o crime, a Isânia Monteiro começou a desenvolver um trabalho em Queimadas e no Estado da Paraíba para ajudar mulheres que foram e/ou estão sendo violentadas. E, com isso, se destacou a ponto de ser nomeado pelo Governador da Paraíba, na época Ricardo Coutinho, a ser a Coordenadora do Centro de Referência da Mulher Fátima Lopes sede de Campina Grande. Logo, este trabalho tem por finalidade suscitar reverberações acerca do movimento feminista no Brasil, intercalando o protagonismo deste movimento social para os questionamentos da lógica cercadora dos direitos das mulheres.

Portanto, o artigo busca discutir paradigmas e rupturas de suas formas de violência simbólica na relação do patriarcado até a violência explícita/ física. É fundamental nos dias de hoje o debate para que possamos lutar por espaços e/ ou por públicas de enfrentamento que assegure a/as mulher(es), e, demonstrar os fatos atuais

como forma de ‘chocar’ / ‘mexer’, com os leitor/a, e, até mesmo como formas de nos alertar.

## DESENVOLVIMENTO

O conceito de feminismo, de acordo com Soares (1994), é entendido como a ação política das mulheres, englobando teoria, prática e ética. Com isso, a autora reconhece as mulheres, historicamente, como sujeitos da transformação de sua condição social. Esse movimento propõe que as mulheres transformem a si mesmas e ao mundo, expressando – se em suas ações coletivas, individuais e existenciais, seja na arte ou até mesmo na teoria e na própria prática.

Os movimentos feministas têm se articulado conforme destaca Alvarez (200) em uma sociedade civil global” ou nas palavras de León (1994) num enredo de redes”. Logo, o discurso trazido pela entrevistada podemos analisar que uma de suas principais formas de reivindicar as lutas do movimento feminista é a de” construir “ atitudes que por sua vez evitem fatos que não estão sendo postas com um olhar mais significativo/direcionado na sociedade, possibilitando assim, a/as “ criação(ões) de novas políticas públicas.

*A partir do momento que aconteceu em fevereiro de 2012, eu tive que buscar forças para me mobilizar e fazer um trabalho para evitar esses casos.<sup>1</sup>*

A fala da entrevistada reforça a ideia do movimento como meio de lutar por justiça. Compreendemos que no Brasil, os movimentos feministas têm se organizado e apresentado suas reivindicações ao Estado há pelo menos três décadas. De acordo com a teoria dos “novos movimentos sociais” baseada na proposta do Allan Touraine (1984-1985) que propõe por sua uma discursão pertinente para o Movimento Feminista,

---

<sup>1</sup> Isânia Monteiro, entrevista concedida em 25 de novembro de 2019, acervo pessoal.

se baseia no campo cultural conforme se constrói novas identidades, o espaço enquanto organização e os demais cenários de conflito.

As intervenções que são feitas através do Movimento Feminista, geralmente são bem sucedidas dando ao movimento um caráter de eficiência e significativo para o reconhecimento da diversidade quando a elaboração de políticas públicas. Portanto, é nesse sentido que segundo Perreira (2014) destaca O feminismo segundo Bento (2011), deve ser pensado como uma plataforma política de transformações radicais, ela mostra que a experiência corporal é uma das dimensões para produção da rebeldia. A atividade performática nesse sentido vem para mostrar o gênero como conceito problematizado a partir de uma ideologia sexual transgressora. Logo, destaca Judith Butler (2003), que seria uma forma de interromper as identidades hegemônicas, pluralizando e problematizando a fixação do gênero, entendendo como a identidade e a diferença são produzidas na sociedade ocidental.

*Já se passaram 7 anos, que são 7 anos de muita luta, reivindicações e pedidos de justiça. Após “a barbárie de Queimadas” podemos mostrar que vidas são tiradas de maneira brutal e que o Estado trata com algo normal, como “mais um” e não quero que seja apenas mais um...*

Logo após esse crime brutal em uma cidadezinha na Paraíba, onde o crime foi reconhecido nacionalmente, o Estado da Paraíba através das reivindicações trazidas pelo Movimento Feminista, constrói a Delegacia Especializada de atendimento a mulher, e Organismos de Políticas Públicas para a Mulher (OPM), pela Isânia Monteiro, uma das representantes no Estado da Paraíba. Logo, cria-se na cidade de Campina Grande uma delegacia específica das mulheres, e de maneira mais precisa as leis que asseguram distanciamento dos agressores das vítimas que na maioria das vezes são feitas por seus parceiros.

Após a denúncia, as vítimas passam por mais um processo que são as ameaças e o medo. A delegacia da mulher observou a urgência de tirar essa(s) mulher (es) do seu próprio lar, que pela lei antes seria em um problema mais intensificado buscam que seja

feito um espaço específico para segurança dessa vítima e assim, é construído essa política pública.

*É o sentimento de perda mesmo. De olhar em sua volta e ver que perdemos o que mais era precioso em nossas vidas, que é de estar ao lado de quem amamos. Para os malfeitores do ato, é apenas mais um dia. Eles não deram a elas a oportunidade de escolha, de viver, de continuar um projeto de vida delas, foram muitos sonhos interrompidos, isso não deixa uma insatisfação e sentimento de pesar. Mas fica uma lição disso tudo, essa bandeira de luta será pra sempre.” Declarou a Isânia..*

Ao relatar-me com muita dor e um sentimento de descrença, a Isânia, representante de causas feministas, afirma que sua vida é pra luta e por mulheres que sofrem essas situações que relatadas acima, e a busca de justiça e de apelo por milhares de mulheres que também são assassinadas diariamente no Brasil, e no mundo. A militância é entendida, portanto, conforme meios que viabilizem ao Estado conquistas, que por sua vez não são apenas ao grupo específico, mas sim, atingir uma máxima, a sociedade. Se reportando em primeiro momento, a ideia de movimento como forma de luta por melhorias, e um espaço como refúgio.

Percebe-se que a questão da violência contra a mulher é uma causa abraçada por anos nas lutas feministas que tem a pretensão de romper a naturalização errônea que conceitua a violência como parte do destino das mulheres. Para tanto, o feminismo torna-se importante por apoiar diversas iniciativas por parte do Estado e monitorizar suas ações. (PERREIRA, 2014, p.22)

Em segundo momento, a militância não representa apenas ganhos e realizações, ainda que para alguns, ao se pesar na balança, as perdas sejam proporcionalmente menores do que os ganhos. A militância também tem seus altos e baixos.” (BALTAZAR, 2004, p. 188).

Das reflexões empreendidas neste trabalho, destacamos que um dos grandes desafios está na sociedade patriarcal, que ainda tem o homem com uma figura superior às mulheres, seja em cargos de trabalhos ou até mesmo pela cultura e moral, precisamos desnaturalizar o homem dentro dessa figura, para que possibilitamos a convivência equânime entre as mulheres e os homens.

Poderíamos acabar caindo no mesmo determinismo que legitima os papéis de gênero mais estereotipados; abriríamos, com isto, o precedente para compreender a violência de gênero como regra, e não como exceção. (...) a violência não está “dentro” do homem, como um vírus ou uma doença qualquer. (PERREIRA, 2014, p.17 apud WINCK; STREY, 2008, p. 116)

O estudo baseado no feminismo se dispõe a estudar questões de igualdade de gêneros, sobretudo de tudo que foge do normal, ou que está para além da ordem, da moral e dos bons costumes, embora os estudos do movimento feminista de modo geral ainda é interpretado por alguns indivíduos como desnecessário e polêmico.

(...) Os estudos feministas constituem-se, assim, como um campo polêmico, plural, dinâmico e constantemente desafiado; um campo que tem o auto esquecimento como marca de nascença”. Como consequência, isso implica um fazer científico que supõe lidar com a crítica, assumir a subversão e, o que é extremamente difícil, operar com as incertas( LOURO,2002,P.14)

Contudo, a intensão do movimento feminista parecia ser uma simples interação entre homens e mulheres como indivíduos políticos e sociais, porém o movimento feminista lutava para além dessas complexas relações culturais, políticas, morais, entre outras que já são “definidas”, definitivamente seu principal foco seria a inclusão social dentro dos diversos espaços, ocupar desde os campos sociais á os paradoxos vigentes, portanto, sendo assim, os rompimentos destes paradigmas.

Podemos perceber que o feminismo não se revela através de uma simples relação pela supremacia entre os sexos e/ ou gêneros masculino e feminino, mas da luta pela igualdade enquanto ser social. Que por sua vez, propunha romper a ideia patriarcal que norteia espaços profissionais, por exemplo.

Desse modo, se reproduzem relações desiguais entre os sujeitos dentro das representações sobre os corpos, onde a sociedade através de uma cultura que vai além de um sistema de costumes irá definir o significado de suas ações, indicando o que é aceito ou reprimido nas relações de poder existentes difundidas sobre o sexo. ( PERREIRA, 2014, p. 8)

Dessa maneira, a questão da cultura do estupro e do feminicídio são a(s) marca(s) de que urgentemente precisamos debater acerca dos direitos das mulheres, de usar uma mini saia e não ser estuprada pelo tradicional frase “mas olha a roupa dela!

Com essa saínda ela pediu!”, da luta pela igualdade de gênero nos diversos espaços, problematizar e desnaturalizar o por que de uma mulher não denunciar após uma violência seja ela doméstica, patrimonial, psicológica e/ ou sexual? Onde está o problema? Como e por que as vítimas se envergonham, ter medo, receio pela vida? É extremamente necessário romper com a ideia do romantismo da agressão “foi só uma única vez que ele me bateu/ agrediu.” Ah, mas isso não vai acontecer novamente”. Não podemos silenciar com os números alarmantes de violência contra a mulher no Brasil.

Na vida cotidiana imersa por funções, valores e normatizações, oriundos de uma sociedade que inferioriza a figura feminina e bloqueia qualquer espaço que se reflita e questione sobre o “por que” esta questão se apresenta e se torna assim, faz pensarmos para além de uma cultura tradicional e enxergar novas possibilidades que venham equalizar as relações de gênero, tendo um pensar subversivo e contrário às imposições que são postas. (PERREIRA, 2014, p.17)

## CONCLUSÕES OU CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho buscou conhecer, o movimento feminista como uma expressão de direito e respeito as mulheres. Dessa forma, procuramos evidenciar alguns dos acontecimentos na sociedade machista e patriarcal, em uma trajetória histórica de vida, para melhor compreendermos o movimento feminista, que atribuindo –lhes a devida importância. Precisamos falar, já chega! Diante das diversas formas de violência que o movimento feminista busca romper essas questões de desigualdades de gênero e a violência(s) sejam elas quais for. Sobretudo, de pensar a cidade como fator de índices de violências, homicídios, mais alarmantes, a falta de segurança nos espaços públicos, de tentar fazer, com que de alguma forma as mulheres se empoderem-se , e, assim, lutem pelo direito à cidade na perspectiva da falta de segurança dos espaços públicas da/na cidade, direito de ir e vir previsto na Constituição 1988.

## CITAÇÕES E REFERÊNCIAS

ALVAREZ, Sônia. 1988. Politizando as relações de gênero e engendrado a democracia. In: A.,ed **Democratizando o Brasil**. Rio de Janeiro, Paz e Terra.

BALTAZAR, Bernadete. **Os encontros e Desencontros da Militância e da vida Cotidina**. Psicologia: Teoria e Pesquisa. Vol.20n. pp. 183-190. Ago.2004.

BUTLER, Judith. Problemas de Gênero – feminismo e subversão da identidade. São Paulo: Civilização Brasileira, 2003. P. 17-60.

BEAUVIOR, Simone. O Segundo sexo- fatos e mitos; tradução de Sérgio Milliet.4 ed. São Paulo : Difusão Eurpoeia do livro, 1980.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do discurso**. São Paulo: Loyola,1996.

LOURO, Guacira. **Epistemologia feminista e teorização social- desafios, subversões e alianças, Coletânea Gênero plural**. Mirriam ADELMAN; CilsBronstrup SILVESTRIN( organizadoras). Curitiba. UFRP. 2002.

MENTOR DA BARBÁRIE DE QUEIMADAS É CONDENADO A 108 ANOS NA PARAÍBA. G1 PB, 2014. Disponível em < [Mentor da 'Barbárie de Queimadas' é condenado a 108 anos na Paraíba | Paraíba | G1](#) > acessado em: 04 de nov. de 2019.

UM DOIS UM : CRÔNICAS DE HOMICÍDIOS. Ações de combate á violência contra a mulher- Isânia Monteiro.2018. Disponível em < [Ações de Combate à Violência Contra a Mulher - Isânia Monteiro \(UM DOIS UM: CRÔNICAS DE HOMICÍDIOS\)](#)>. acessado em : 15 de nov. de 2019.

UM DOIS UM : CRÔNICAS DE HOMICÍDIOS. Fátima e Maria José mães das vítimas da barbárie de Queimadas. 2018. Disponível em < [Fátima e Maria José - Mães das Vítimas da Barbárie de Queimadas \(UM DOIS UM: CRÔNICAS DE HOMICÍDIOS\)](#)>. acessado em: 08 de set. de 2020.

PERREIRA, Nataly Barros. **A (des)construção da naturalização da violência contra a mulher: como as relações de gênero se configuram na violência contra a mulher. Um olhar sobre a “barbarie de Queimadas”**. 2014.

QUILIÃO, Luiz. Tv Globo- Programa Fantástico- Estupro coletivo e assassinatos de mulheres em. 2013. Disponível em < [Tv Globo - Programa Fantástico - Estupro coletivo e assassinatos de mulheres em](#) >. acessado em: 19 de nov. de 2020.

TOURAINÉ, Alain: O Retorno do Portugal/ Lisboa: instituto Piaget, 1984.

TV CORREIO. 9 anos da barbárie de Queimadas e culpado segue foragido. 2021. Disponível em < [9 anos da barbárie de Queimadas e culpado segue foragido](#) >. acessado em: 04 de out de 2021.

WINCK, Gustavo; STREY, Marlene. **“A voz mais alta, mas na hora certa”: A naturalização da violência de gênero enquanto recurso legitimado ao homem**. Revista Ártemis, Vol. 9, Dez 2008, p. 113-133. Disponível em: < <http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/artemis/article/view/11815/6870> >. Acesso em: 9 de novembro de 2020.